

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE CONTOS PLAUSÍVEIS

POSFÁCIO

Noemi Jaffe

Carlos Drummond de Andrade
© Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro

A partir de *Sombra do fotógrafo José Medeiros*,
de Thomas Farkas, Rio de Janeiro, 1946.

Acervo Instituto Moreira Salles

PESQUISA ICONOGRÁFICA

Regina Souza Vieira

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Eduardo Coelho

PREPARAÇÃO

Claudia Agnelli

REVISÃO

Jane Pessoa

Renata Lopes Del Wero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

Contos plausíveis / Carlos Drummond de

Andrade; posfácio Noemi Jaffe. — 1ª ed. —

São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ISBN 978-85-359-2164-9

I. Contos brasileiros I. Jaffe, Noemi. II. Título.

12-10550

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Contos: Literatura brasileira 869.93

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

13	Nota do autor
15	Estes contos
16	A bailarina
17	A bailarina e o morcego
18	A beleza total
19	Abotoaduras
20	A condição geral
21	A cor de cada um
22	A cor falante
23	A escola perfeita
24	A fala vegetal
25	A falsa eternidade
26	A hóspede importuna
27	A imagem no espelho
28	A incapacidade de ser verdadeiro
29	A lanterninha
30	Alma perdida
31	A melhor opção
32	A mesa falante
33	A moda autoritária
34	A mudança
35	A mulher variável
36	Andorinhas de Atenas
37	A noite
38	A noite da revolta
39	A Opinião em palácio
40	A orquestra odiosa
41	A perfeita sabedoria
42	Aquele bêbado
43	Aquele casal
44	Aquele clube

- 45 Aquele crime
- 46 A salvação da pátria
- 47 A solução
- 48 As pérolas
- 49 As Três Graças
- 50 A tapeçaria burlada
- 51 A terra do índio
- 52 A verdade dividida
- 53 A vez dos ferreiros
- 54 A 26ª obra-prima
- 55 A volta das cabeças
- 56 A volta do guerreiro
- 57 Bandeira 2
- 58 Binóculos
- 59 Bom tempo
- 60 Bom tempo, sem tempo
- 61 Carta extraviada
- 62 Casamento por cinco anos
- 63 Casos de baleias
- 64 Coleguismo
- 65 Conversa de correligionários
- 66 Convívio
- 67 Crime e castigo
- 68 Desemprego
- 69 Desta água não beberás
- 70 Deus quer otimismo
- 71 Diálogo das notas
- 72 Diálogo de todo dia
- 74 Diálogo filosófico
- 75 Diálogo final
- 76 Duas sombras
- 77 Elementos de um conto

78	Encontro
79	Entre flores
80	Episódio veneziano
81	Essas meninas
82	Excesso de companhia
83	Experiência
84	Fugir do Carnaval
85	Furto de flor
86	Garbo e Marlene
87	Gêmeos
88	Governar
89	História mal contada
90	Histórias para o rei
91	Idílio funesto
92	Incêndio
93	Lavadeiras de Moçoró
94	Lavadeiras de Moçoró — II
95	Leite sem parar
96	Liberdade
97	Linguagem do êxtase
98	Mãe sem dia
99	Maneira de amar
100	Medalhas
101	Meu corvo
102	Milagre
103	Na cabeceira do rio
104	Nasceu uma ninfa
105	Necessidade de alegria
106	No interior da baleia
107	Novo dicionário
108	O admirador
109	O admirador — II

- 110 O amor das formigas
- 111 O anticirco
- 112 O assalto
- 113 O banho surpreendido
- 114 O bebedor total
- 115 O bem mais perigoso
- 116 O casamento do século
- 117 O casamento secreto
- 118 O discurso vivo
- 119 Odisseia
- 120 O entendimento dos contos
- 121 O homem observado
- 122 O homem que fazia chover
- 123 O intérprete
- 124 O lazer da formiga
- 125 O locutor esportivo
- 126 Onde ninguém entra
- 127 O nome
- 128 O pão do Diabo
- 129 O papagaio premiado
- 130 O perguntar e o responder
- 131 O poder de uma rabeca
- 132 O rei e o feno
- 133 O rei e o poeta
- 134 O relógio de sol e o de nuvens
- 135 Os dados essenciais
- 136 Os diferentes
- 137 Os esquadrões
- 138 O sexto gato
- 139 Os licantropos
- 140 Os limites da imaginação
- 141 O sofrimento de Jó

142	Os privilegiados da Terra
143	O tempo na rua
144	O torcedor
146	O trabalhador injustiçado
147	Ou isto ou aquilo
148	Parabéns por tudo
149	Poder da etimologia
150	Poesia sem deuses
151	Queijo para dois
152	Rick e a girafa
153	Saber perguntar
154	Salvo se
155	Santo de pau oco
156	Sinatra
157	Solange
158	Subsistência
159	Tentativa de posse
160	Tudo bem
161	Um caso de paixão
163	Um livro e sua lição
164	Unidade partidária
165	Verão excessivo
166	Volta à casa paterna
167	Votação inconclusa
169	Nota da edição
171	Posfácio
	<i>Prosa de brinquedo</i> , NOEMI JAFFE
179	Leituras recomendadas
180	Cronologia
186	Créditos das imagens

CONTOS PLAUSÍVEIS

ESTES CONTOS

Há muita coisa a emendar em meus contos. Às vezes eles saem totalmente ao contrário daquilo que pretendiam contar. Costumam até ficar melhor, mas nem sempre.

Certos contos, os mais simples, parecem inverossímeis, e os inverossímeis, pois também escrevi alguns desta natureza, despertam o comentário: “Daí, quem sabe? Tudo pode acontecer”.

Tenho a impressão de que tudo pode mesmo acontecer em matéria de contos, ou melhor, no interior deles. Houve um que se recusou a terminar, como se dissesse: “Fica tão bom assim... Só você não percebe isto”.

Duas historietas exigiram que as concluísse confessando minha incapacidade de contista. Como eu me recusasse a atendê-las, retrucaram: “Não faz mal. Não é preciso confessar; todos sabem”.

Só um de meus contos me acompanha por toda parte, ao jeito de gato fiel, sem que o faça para pedir alimento. É um continho bobo, anão, contente da vida. Vai no meu bolso. Não o leio para ninguém. Seu calor me agasalha. Já não me lembra o que diz, pois nunca o releio, mas sei que é raríssimo o texto que seja amigo do autor, e quanto a este, não duvido. Meu melhor amigo é um continho em branco, de enredo singelo, passado todo ele na antena esquerda de um gafanhoto.

A BAILARINA

A profissão de bufarinheiro está regulamentada; contudo, ninguém mais a exerce, por falta de bufarinhas. Passaram a vender sorvetes e sucos de fruta, e são conhecidos como ambulantes.

Conheci o último bufarinheiro de verdade, e comprei dele um espelhinho que tinha no lado oposto uma bailarina nua. Que mulher! Sorria para mim como prometendo coisas, mas eu era pequeno, e não sabia que coisas fossem. Perturbava-me.

Um dia quebrei o espelho, mas a bailarina ficou intacta. Só que não sorria mais para mim. Era um cromo como outro qualquer. Procurei o bufarinheiro, que não estava mais na cidade, e provavelmente teria mudado de profissão. Até hoje não sei qual era o mágico: se o bufarinheiro, se o espelho.

A BAILARINA E O MORCEGO

Há um morcego voando de madrugada pela rua Montenegro. Sempre depois de duas horas, nunca depois de quatro.

Escolhe entre janelas abertas e penetra em quartos de moças, para chupar-lhes o sangue. Faz isso tão de leve que a vítima não acorda, e só de manhã, ao se levantar, sente ardor em pequeno ponto arroxeadado do pescoço.

Há quem discuta a identidade do animal, e afirme tratar-se de vampiro humano, como os há na Transilvânia. Falta consistência à afirmação, pois homem algum atingiria o sétimo andar subindo pela fachada dos edifícios.

Muitos moradores já viram o morcego e tentaram matá-lo. Ele escapa, e se diria que não teme represálias, pois voltou pela terceira vez ao quarto de Hercília Fontamara, bailarina do Teatro Municipal.

Aos repórteres, Hercília falou que começa a habituar-se ao fato de ser visitada por um morcego que lhe retira algumas gotas de sangue sem maior dano. Ela observou que, a partir da primeira visita, aumentou sua flexibilidade muscular nos ensaios, e que nunca dançou tão bem como daí por diante. Espera ter um desempenho perfeito na apresentação de *Giselle*, se na noite da véspera oferecer um pouco de si mesma ao estimulante quiróptero.

A beleza de Gertrudes fascinava todo mundo e a própria Gertrudes. Os espelhos pasmavam diante de seu rosto, recusando-se a refletir as pessoas da casa e muito menos as visitas. Não ousavam abranger o corpo inteiro de Gertrudes. Era impossível, de tão belo, e o espelho do banheiro, que se atreveu a isto, partiu-se em mil estilhaços.

A moça já não podia sair à rua, pois os veículos paravam à revelia dos condutores, e estes, por sua vez, perdiam toda capacidade de ação. Houve um engarrafamento monstro, que durou uma semana, embora Gertrudes houvesse voltado logo para casa.

O Senado aprovou lei de emergência, proibindo Gertrudes de chegar à janela. A moça vivia confinada num salão em que só penetrava sua mãe, pois o mordomo se suicidara com uma foto de Gertrudes sobre o peito.

Gertrudes não podia fazer nada. Nascera assim, este era o seu destino fatal: a extrema beleza. E era feliz, sabendo-se incomparável. Por falta de ar puro, acabou sem condições de vida, e um dia cerrou os olhos para sempre. Sua beleza saiu do corpo e ficou pairando, imortal. O corpo já então enfezado de Gertrudes foi recolhido ao jazigo, e a beleza de Gertrudes continuou cintilando no salão fechado a sete chaves.

ABOTOADURAS

O maior fabricante de abotoaduras de punho fechou a indústria depois de convencer-se de que é infinitamente reduzido o número de camisas de manga comprida, à disposição da humanidade. E, mais, que os exemplares deste gênero, ainda existentes, são providos de botões, dispensando abotoaduras.

— Trabalhei a vida inteira no setor — lastimava-se — e almejava legar a meus filhos a tradição das abotoaduras de punho, como requinte terminal de uma camisa digna desse nome. Os fatos ergueram-se contra mim. Não posso mais produzir abotoaduras de punho para camisas sem punho ou de punho abastardado por míseros botões de plástico.

Concluiu que é o fim da civilização, e ia enforcar-se numa camisa esporte, estampada, quando esta, movida por vento súbito, saiu pelos ares, qual bandeira solta. E era tão bonito o esvoaçar do pano bigarreado, tão graciosas as evoluções, que o homem resolveu desistir da morte e aplicar sua fortuna em uma indústria colossal de camisas de manga curta.